

Olhares e sentimentos sobre a pandemia

Janaína Raquel Cogo

A infância é um tempo singular na vida. As crianças, que estão vivenciando suas infâncias nesse tempo e espaço de 2020 e 2021, possuirão memórias demarcadas pela pandemia de Covid-19. Um tempo diferente, em que houve alterações na vida das pessoas, e cada família, cada pessoa, cada criança está vivenciando esse tempo, assim como suas infâncias, de maneira singular.

Um tempo de ausências, de separações, de distâncias, que exige exercício de alteridade.

Da janela da minha casa, vejo crianças em casa, escolas sem a presença física de alunos, professores da educação básica trabalhando de uma forma nunca imaginada por eles antes (planejando e atendendo alunos de forma remota).

Escolas sem crianças, sem a vivacidade da sua presença, mesas e cadeiras vazias, parquinhos e pátios vazios, à espera de crianças que não podiam vir à escola.

Lembranças e materiais que professores produziram para as crianças, que muitas famílias não puderam buscar, que nunca chegaram aos seus destinatários.

Armários da escola cheios de materiais escolares que não foram utilizados, brinquedos nas caixas e prateleiras das salas de aula à espera de um ano letivo normal que não aconteceu.

Crianças em suas casas, com apenas contatos escolares via redes sociais, com aulas remotas, outras sem nenhum contato ou com pouco contato com a escola, pergunto-me: - Onde estão? O que estão fazendo?

Algumas crianças podem estar distantes da escola, além de fisicamente, remotamente também pela dificuldade em acessar a internet, outras pela impossibilidade das famílias em realizar as

atividades escolares com seus filhos e as razões pouco importam, algumas sabemos, outras intuímos, mas sem pesquisa não podemos afirmar.

Crianças em casa com espaço amplo para correr, pular, jogar, experimentar novos espaços e novas experiências.

Crianças em casa com pouco ou nenhum espaço para desenvolver suas habilidades motoras, que moram em apartamentos e/ou casas sem pátio.

Crianças que não puderam ir a parques e praças da cidade para não colocar em risco seus familiares.

Crianças brincando nos pátios das casas, passeando de bicicleta na rua.

Crianças que puderam ficar mais tempo com suas famílias, de pais que tiveram a oportunidade de trabalhar remotamente.

Crianças que tiveram que ficar mais tempo longe de suas famílias, porque não tinham onde ficar enquanto seus pais trabalhavam, e foram passar temporadas nas casas de seus avós ou de outros membros familiares em outras cidades, outras precisaram ir passar o dia ou a noite na casa dos avós ou familiares enquanto os familiares trabalhavam.

Algumas crianças precisaram ficar distantes dos avós ou outros familiares para protegê-los.

Crianças que perderam entes familiares queridos... avôs, tios, pai, mãe, amigos das famílias...

Crianças que tiveram suas famílias preservadas.

Crianças que viram suas famílias chorar pela perda de empregos, pela falta de dinheiro, pela falta de comida para colocar na mesa.

Crianças que ficaram sozinhas em casa, correndo muitos riscos.

Crianças que compreenderam, muito antes que os adultos, os cuidados necessários em época de pandemia.

Crianças com saudades... seja de familiares que perderam, ou que não podiam visitar.

Crianças com saudades dos colegas, dos amigos, dos professores, da escola.

Crianças que não puderam ter a tão esperada festa de aniversário, cheia de pessoas.

Crianças que tiveram que ficar apreensivas sabendo que seu pai, sua mãe e ou seu responsável trabalhavam na linha de frente no combate à Covid-19.

Crianças que poderão se orgulhar também de seus familiares que trabalham na saúde e salvaram tantas vidas.

A pandemia mexeu em nossas vidas, na maneira de vivermos, de vivenciarmos as experiências, mexeu com a economia mundial, tirou vidas, produziu alterações em sentimentos, amizades, famílias.

Finais de semana e datas comemorativas sem encontros, sem mesas cheias de pessoas e de alegria.

A pandemia mexeu com projetos, com sonhos, com expectativas.

Vejo muitas pessoas repensando o valor da família, dos sentimentos, das ausências antes opcionais, agora necessárias.

Vejo um mundo cheio de incertezas, dúvidas, um tempo cheio de "nãos", de "cuide-se", "lave as mãos", "use álcool gel", "não saia de casa", "proteja os idosos", "use máscara", "fique em casa".

Será que a maioria das pessoas pode ficar em casa tranquila, esperando que as suas famílias tenham comida na mesa?

Será que todos podem ficar distante dos familiares do grupo de risco para protegê-los?

Um tempo de alteridade, ambiguidade e incertezas.

Um tempo de saudades da vida "normal".

Um tempo de ficar longe para proteger, ficar distante por amor.

Um tempo de esperança de dias melhores.

Um tempo cheio de mudanças e diferenças, mas em que todos são iguais em relação ao medo e à incerteza do vírus, em que uns puderam proteger-se mais e outros menos.

Um tempo de reinventar o processo educacional, de produzir vídeos com histórias, explicações e sugestões de brincadeiras, de produzir aulas on-line, de pensar em outras maneiras das crianças poderem desenvolver as suas aprendizagens.

Em um segundo momento da pandemia, profissionais da escola, uns retornaram em presença e outros não, pois muitos pertenciam ao grupo de risco para a Covid-19.

Em um terceiro momento, crianças também retornaram, outras não, seja pela insegurança da família, pertencimento ao grupo de risco.

Uma presença parcial, marcada por ausências. Ausências de pessoas, mas também ausência de contato físico, de brincadeiras, de interação. Uma parcialidade de presenças, uma falsa normalidade.

Tempo de angústias, que nos faz repensar, valorizar as pessoas próximas.

Tempo que me fez repensar sobre o que é estar presente e o que é estar ausente, pois, na rotina agitada e "normal", mesmo perto de algumas pessoas, muitas vezes, não nos permitimos senti-las verdadeiramente em sua presença.

O que remete a pensar em presenças físicas cheias de ausências e ausências de vivências, de sentimentos, de experiências nos momentos que não me permito sentir, que não me permito experienciar os momentos em intensidade pelas preocupações do dia a dia.

Um tempo que pode produzir novos pensamentos, mais empatia e solidariedade, maior valorização das pessoas e do valor da vida.

Tenho esperança de que muitas coisas na pós-pandemia, na nova normalidade, possam mudar para melhor, que as pessoas possam abraçar-se como antes, que as crianças possam correr, brincar, pular livremente, possam aprender, encontrar os amigos, familiares.